

PUNIÇÃO

(Yawara Guarini)

Desde aquela madrugada eu não havia conseguido tirar da cabeça aquela dívida. Vinte estações de trem até o trabalho, em São Caetano do Sul no grande ABC, um dia de cão por lá, e novamente desta vez sufocado pelo cimento, as vinte estações de volta, e nada de esquecer o logro. Ao contrário, o dia de suor intenso pelo pão de cada dia só ajudou a agravar o quadro. Eu estava indignado. O cara era simplesmente o maior cara-de-pau que eu já vi, usando e abusando da criatividade para inventar as histórias mais mirabolantes que justificassem o calote. Não era muita grana, mas naquele panorama – o ano era 1196, eu tinha 15 anos e morava numa favela de Várzea Paulista: tempos difíceis! – o muito já era pouco. Daí que eu confiei no cara e dei a grana na mão dele antes de receber o produto. Burrice! Nem o produto nem a grana de volta. E, para piorar, o cara fechou seu estabelecimento comercial, local onde eu o encontraria com facilidade, descobrir onde o picareta morava me deu um trabalho desgraçado. Pergunta daqui, indaga dali, acabei descobrindo o covil do malandro e, depois de umas cinco tentativas frustradas, consegui finalmente encontrá-lo em casa, o que não representou grande avanço, pois foi então que começaram as desculpas esfarrapadas. O que eu podia fazer? Aparentemente nada. Porém, não foi com essa certeza que acordei naquele dia. Era um abuso, e eu tinha que fazer alguma coisa. Eu sempre fui muito pacífico, mas sempre gostei, assim como gostam os colecionadores, de todo e qualquer tipo de armas. E com a facilidade que havia para se conseguir uma ali no meu bairro, já fazia algum tempo que eu tinha garantido a minha: um belo revólver calibre 38 de quatro polegadas.

Às seis horas da tarde coloquei quatro projéteis no tambor, que admitia até seis, meti o

revólver na cinta, os cadernos debaixo do sovaco, me despedi da minha mãe e saí “para ir à escola”. Os cadernos não passaram da metade do caminho, ficaram escondidos no meio de uma touceira nas margens do córrego que havia ao longo do caminho da escola, Dali, desarmado das letras, mas armado de fogo e raiva, segui sentindo apenas o frio do ferro na barriga. Ou eu recebia a minha dívida ou tudo ia acabar numa grande merda.

Já no ônibus, algo mais que o gelo do revólver incomodava minha barriga. Era aquela conhecida sensação que nos acomete na aproximação de qualquer evento emocionante crítico demais. Quando desci do ônibus já havia anoitecido e eu, além de não ter estado ali antes senão de dia, estava um tanto perturbado, o que fez com que ficasse um pouco perdido enquanto caminhava procurando a casa do caloteiro. Foi muita sorte pra ele e mais ainda pra mim (hoje tenho a certeza de que aquilo foi uma baita sorte), pois em uma dessas idas e vindas pelas mesmas ruas eu comecei a despertar suspeitas e um policial à paisana que estava por ali, sem que eu sequer o tivesse notado, saltou à minha frente com uma Magnum gigante para a minha cabeça. Não tive tempo nem de pensar, e o meu três-oitão já estava sobre o capô do carro do civil, enquanto eu, no chão e algemado, recebia nas costas os calcanhares repressores do defensor da sociedade. Nem por um instante eu senti as dores daquela violência, já que minha cabeça parecia não estar junto do meu corpo. Eu só conseguia pensar na minha mãe. Toda essa porcaria de enredo malfadado ia acabar com ela.

Chegou uma viatura da DIG e me conduziu ao cadeião do Anhangabaú, onde esperei, algemado a um banco de concreto, “sofrendo enxovalhos e calado”, a chegada de meus pais. Minha mãe chegou chorando desesperadamente, exatamente como eu já havia previsto. Meu pai? Com a maior cara amarrada, exatamente como eu estava acostumado a ver e, portanto, como também já havia previsto.

Meu pai e eu trabalhávamos juntos e nossa relação nada tinha de carinhosa, mas ao contrário, era cheia de rancor e mágoas. Mágoas que eu guardava calado, pois sabia o quão surrado pela vida havia sido o homem. Ele se embruteceu demais. Eu assisti ao único beijo que, em toda a vida, ele deu em minha avó. Ela estava em um caixão e ele, desesperado, beijou-a para não ser devorado pelo remorso.

Os policiais conversaram alguns minutos com meus pais e, em seguida, enquanto uma escritã tentava acalmar a minha mãe, meu pai e eu fomos levados à sala do delegado para assinar alguns documentos. Meu pai não soube naquele momento e em nenhum outro, mas eu havia estado ali antes de ser algemado ao banco de concreto, e foi exatamente ali que experimentei a dose mais forte da violência. Fui esbofeteado no rosto, chutado nas pernas e ameaçado com a minha própria arma, com o cano encostado entre meus olhos. Não abri minha boca sequer por um gemido. Eu estava com raiva demais para sentir dor.

Meu pai, até então, estava convicto de que lá estava para me levar para casa. Envergonhado e tentando convencer o delegado de seus esforços para fazer-me um bom cidadão, terminou de assinar os documentos e olhou para minhas mãos. Ele esperava que me livrassem das algemas, mas o delegado deu ordem para que me levassem à cela. Fui puxado por um braço e dei um passo desequilibrado para trás. Meu pai estendeu a mão num esforço para alcançar as minhas. Senti naqueles dedos ásperos o abraço que ele nunca me deu e quando levantei os olhos vi uma tristeza tão profunda como jamais vira. Foi a primeira e única vez que vi meu pai chorar. Juro por Deus que nenhum bofetão tinha me ferido naquele dia. Mas aquelas lágrimas... Eu as sinto até hoje. E, meu Deus, como doem!